

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Entre “o cinza e o verde”: um estudo sobre as concepções de natureza para os moradores do bairro de São Raimundo, em Manaus.

Bolsista: Juliana de Nazaré Gomes Sarmiento, CNPq

MANAUS
2013

Entre “o cinza e o verde”: um estudo sobre as concepções de natureza para os moradores do bairro de São Raimundo, em Manaus.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB- H/0104/2012

Entre “o cinza e o verde”: um estudo sobre as concepções de natureza para os moradores do bairro de São Raimundo, em Manaus.

Bolsista: Juliana de Nazaré Gomes Sarmiento, CNPq
Orientadora: Prof^ªDr^ªMárcia Regina Calderipe Farias Rufino

MANAUS

2013

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas e ao seu autor. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa,- CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Avenida Beira Mar no período da vazante. As palafitas. Foto: Juliana Sarmento, 2012.....	15
Figura 2 –Rio Negro, proximidades da Avenida Beira Mar. Foto: Juliana Sarmento, 2012.....	20
Figura 3 –Casas de palafita demolidas. Foto: Juliana Sarmento, 2012.....	20
Figura 4 –Casas de palafita demolidas. Foto: Juliana Sarmento, 2012.....	21
Figura 5 – “Ambiente verde” atrás das casas, local de passagem dos moradores. Foto: Juliana Sarmento, 2013.....	23
Figura 6 –Região da Av. Beira Mar, época de “Cheia” do Rio Negro. Foto: Juliana Sarmento, 2013.....	25
Figura 7–Avenida Beira Mar, época da “vazante”, extenso caminho até o rio. Foto: Juliana Sarmento 2013.....	27
Figura 08 –Moradores do local há mais de 40 anos e seu filho, também morador. Foto: Juliana Sarmento, 2012.....	29
Figura 09–Moradoras que habitavam o local desde o nascimento. Foto: Juliana Sarmento, 2013.....	30
Figura 10 –Avenida Beira Mar, falta de infraestrutura e saneamento básico. Foto: Juliana Sarmento, 2012.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
1.2	Descrição Metodológica.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
3.1	Natureza e Meio Ambiente.....	22
3.2	Lidando com o Campo.....	25
4	CONCLUSÃO.....	32
5	AGRADECIMENTOS.....	35
6	FONTES E REFERÊNCIAS.....	36
7	CRONOGRAMA	38

RESUMO

A pesquisa visa identificar as concepções de natureza dos moradores que ocupam o igarapé de São Raimundo, localizado no trecho que compreende a região oeste, no bairro de mesmo nome – São Raimundo – que foi berçário das ocupações de beira de rio iniciadas por volta de 1940. As concepções de natureza na sociedade urbana nos oferecem um amplo leque de discussões para análise e construção do diálogo sobre a relação entre o uso dos recursos naturais e as transformações que os processos globais impõe e a preservação do patrimônio natural do planeta. O desenvolvimento sustentável é uma das possíveis saídas para o tão esperado equilíbrio, implicando um novo modo de pensar a sociedade com a preservação dos recursos naturais. Nesse estudo, a pesquisa foi realizada numa área específica de Manaus, com base no relato dos moradores que ocupam o igarapé de São Raimundo, contribuindo para os estudos sobre a temática aqui proposta.

Palavras chave: Concepção de Natureza; Antropologia Urbana; Manaus;

1. INTRODUÇÃO

Manaus, como uma cidade pólo do Norte do país, capital do Estado Amazonas e inserida na Amazônia é visada e conhecida por suas riquezas naturais e considerada o “berço da diversidade natural”, mas sofre uma espécie de paradoxo, pois a preservação dos recursos é foco de grande preocupação para a sociedade mundial, porém, a vontade de se tornar uma grande metrópole, para que acompanhe os avanços e inovações dos processos globais faz com que o vínculo com a natureza seja alterado.

Dentre o que chama atenção na orla de Manaus¹ ou nos igarapés, são as moradias denominadas palafitas, construídas e erguidas sobre estacas de madeiras, reconhecidas na arquitetura da região, mas que podem ser observadas em outros locais do mundo em que populações ocupam áreas inundáveis. Ocorre que, quando se trata do contexto urbano, aqueles que vivem próximos ao rio e ao longo dos igarapés são questionados sobre sua relação com os recursos da paisagem. Os problemas ambientais nestes espaços são visíveis, ao longo do tempo a água cristalina foi se transformando em depósito de detritos de uma sociedade que se torna urbana, sem estar preparada para lidar com a densidade populacional, a diversidade de produtos consumidos e a falta de planejamento e infraestrutura.

A metrópole busca aproximar-se cada vez mais de um mundo globalizado, através do “(des)envolvimento” com a utilização de recursos naturais, o que faz com que o verde dê lugar ao cinza (Vale ressaltar a questão daquilo que é visto como natural, dando lugar ao concreto. Daí ascende o título do trabalho “Entre o cinza e o verde”), problematizando a relação dos indivíduos que passam a lidar com uma nova forma de vida e ambiente social, perante o distanciamento com o meio ambiente natural.

É curioso pensar que, atualmente, o vínculo com a natureza é agregado ao que é denominado como “não moderno”, ultrapassado. As características do mundo moderno recorrem à separação da natureza, gerando um afastamento em relação aquilo que é considerado natural.

Esta temática nos leva a pensar as relações com os “meios” em que vivemos e o modo de vida que adotamos com o passar das épocas. A noção de “homem moderno”, “homem urbano” está inteiramente ligada ao processo de transformação na sociedade, gerando uma individualização muito presente nos tempos atuais. Porém, é através da

¹ Segundo dados do IBGE, a estimativa populacional de Manaus no ano de 2013 é de 1.982.177 habitantes.

individualização e busca pela identidade e de seus comuns, de inovações e crescimento do comércio, que as aglomerações nas cidades se estendem. O espaço físico da cidade se expande e as áreas naturais são “obrigadas” a dar lugar aos espaços urbanos, gerando uma possível degradação da natureza.

Para Amaral (1992), o crescimento das cidades, com vastas aglomerações, extensas e complexas organizações nas quais a função oculta a pessoa, pode contribuir para o sentimento de uniformização aparente dos indivíduos. Contudo, se a cidade atual parece apresentar-se como uma sociedade sem estilo é justamente porque sua feição é a somatória dos estilos dos grupos que vivem nela.

Os impactos ambientais que a sociedade vem sofrendo, ocorrem devido às transformações climáticas, à escassez de recursos naturais, a degradação dos ambientes de fontes naturais, a poluição de águas e terras, dentre outros. Governantes e cientistas, vislumbrando “soluções” para tais impactos, enfatizam a idéia de uma “Economia Sustentável” que é inserida no pensamento social. A problemática da sustentabilidade procura salientar as diversas formas que são desenvolvidas, buscando conciliar a natureza com as necessidades da sociedade. A construção do paradigma ambientalista é resultado de uma longa reflexão sobre as raízes éticas e ideológicas da crise ambiental que põe em cheque diretamente o modelo de desenvolvimento capitalista, questiona o lugar da espécie humana na natureza e sua responsabilidade pelo futuro da biosfera.

Lima e Pozzobon (2005), no ajudam a pensar o desenvolvimento sustentável, apontando que é uma das possíveis saídas para o tão esperado equilíbrio, implicando um novo modo de pensar a sociedade com a preservação dos recursos naturais. Uma alta sustentabilidade ambiental significa que a ocupação humana não interfere nos processos ecológicos essenciais para o pleno funcionamento do ecossistema. Uma alta sustentabilidade é verificada em uma ocupação que não degrada o ambiente, não provoca alterações microclimáticas, não polui, não destrói habitats, não explora recursos naturais renováveis acima de sua capacidade de regeneração, nem resulta em extinções de espécies.

As concepções de natureza na sociedade urbana nos oferecem um amplo leque de discussões para análise e construção do diálogo sobre a relação entre o uso dos recursos naturais e as transformações que a globalização impõe, e a preservação do patrimônio natural do planeta. Nesse estudo, a pesquisa foi realizada numa área específica de Manaus, com base no relato dos moradores que ocupam o igarapé de São Raimundo, localizado no trecho que compreende a região oeste, no bairro de mesmo nome – São

Raimundo – que foi berçário das ocupações de beira de rio iniciadas por volta de 1940. Atualmente, a área está sendo alvo da intervenção do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM, que teve suas obras iniciadas em 2006 com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

As discussões a respeito dessa política fundiária do governo do Estado do Amazonas para a cidade de Manaus iniciaram-se em 2003 na perspectiva de conter invasões e o aumento do número de moradias as margens dos igarapés, sendo que foi escolhida a Bacia de Educandos para o início da intervenção por reunir um maior contingente populacional. A Bacia do São Raimundo está sendo alvo da terceira etapa do Programa que teve início em 2012.

Vale identificar as concepções de natureza no contexto urbano, através dos moradores dessa localidade, sendo muitos de origem rural e das cidades interioranas do Amazonas, que ocupam as redondezas do igarapé do São Raimundo, pela sua ligação com a natureza, principalmente o rio, e o contraste por morarem tão próximos do Centro Comercial da cidade de Manaus, contraste que se configura como uma característica do urbano.

Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Uma etnografia visual das formas de uso e práticas sociais de moradores do Igarapé de São Raimundo - Manaus/AM”, coordenado pela professora Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, docente do Departamento de Antropologia/UFAM, e este subprojeto teve como objetivos identificar e analisar as concepções de natureza dos moradores do igarapé de São Raimundo e realizar um levantamento histórico acerca das questões urbanas em relação aos recursos naturais em Manaus.

1.2 Descrição Metodológica

As principais temáticas a serem discutidas e analisadas buscam a compreensão em relação às questões que fazem parte de uma discussão ligada à Antropologia Urbana. Para realizar o estudo é proposto o uso do trabalho de campo. O método etnográfico, como método de pesquisa antropológica, consiste na escrita do pesquisador de campo. Para melhor construção teórica, o relato, a descrição é essencial para pontuar características singulares de cada âmbito da pesquisa.

As análises serão realizadas a partir dos dados de campo levantados, materiais históricos e teóricos sobre a relação entre os moradores e o que concebem como natureza.

No que diz respeito às referências sobre a pesquisa de campo no Brasil, temos Cardoso de Oliveira (1998) que define a observação participante como a responsável pela caracterização do trabalho de campo antropológico. Em “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” realiza descrição precisa das três etapas a serem realizadas pelo pesquisador, para melhor compreensão dos fenômenos. O olhar, o ouvir e o escrever se tornam essenciais para a construção de uma pesquisa antropológica. O olhar é a primeira e uma das principais respostas perante as percepções do pesquisador frente ao local a ser analisado.

O olhar é capaz de caracterizar primeiramente, as formações arquitetônicas, as relações sociais explicitamente demonstradas junto aos indivíduos. Através do olhar, o pesquisador é capaz de obter as formas de relacionamento que justificam as ações e que tipo de sociedade estará sendo pesquisada. Sendo também um forte aliado ao comparar as condições do tempo junto à sociedade. Com base em estudos anteriores, nota-se o desenvolvimento do local por conta da diferenciação das construções arquitetônicas, melhorias em pontos de moradia, trabalho, e lazer. Porém, o olhar não caminha só, perante as construções da pesquisa, ao seu lado está o ouvir.

O ouvir merece uma atenção significativa, pois é por meio dele que a relação entre o lugar pesquisado e a forma com que caracterizam as noções peculiares, será realizada. Para que haja entendimento, o ouvir é a linha que interligará as explicações fornecidas à significação do contexto de vida da sociedade analisada.

O escrever é parte importante para que o pesquisador possa identificar e durante a finalização da pesquisa possa caracterizar cada aspecto por ele detectado, fará aquilo que na Antropologia é conhecido como “o trabalho de gabinete”.

Em relação à pesquisa no ambiente urbano, Magnani(2008) nos mostra que a antropologia, lá ou cá, na floresta ou na cidade, na aldeia ou na metrópole, não dispensa o caráter relativizador que a presença do “outro” possibilita. É esse jogo de espelhos, é essa imagem de si refletida no outro que orienta e conduz o olhar em busca de significados ali onde, á primeira vista, a visão desatenta ou preconceituosa só enxerga o exotismo, quando não o perigo, a anormalidade.

Também para a fundamentação metodológica da pesquisa, ressalto a contribuição de Velho (1980), no sentido de pensar a importância da utilização da etnografia e o

usodário de campo como instrumento para registro dos relatos ocorridos no decorrer da pesquisa, sendo também válidos instrumentos para relatos audiovisuais como máquinas fotográficas, filmadoras e gravadores, sendo sempre necessária a autorização dos entrevistados para utilização desses meios.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para melhor compreensão da temática proposta nesta pesquisa, foram selecionados alguns autores que nos ajudam a esclarecer, compreender de maneira mais nítida, as condições e dados com os quais nos deparamos no decorrer do estudo.

Reportando-me aos estudos sobre as características de uma sociedade urbana, Velho (1980) relata as transformações e característica que contextualizam a cidade e os desafios nela presentes. Magnani (1996), nos ajuda a compreender a pesquisa de campo na cidade; Oliven (1992) trata sobre urbanização e mudança social no Brasil, juntamente a Castells (2000), que nos ajudará a pensar o processo de urbanização que encontramos na cidade e suas reações sociais e ambientais e também modificação do espaço.

Com o crescimento desordenado da urbanização nas cidades brasileiras, a demanda nos espaços urbanos vem aumentando, resultante da grande migração da população da zona rural para a zona urbana. O processo de industrialização intensificou a de migração de indivíduos que habitavam áreas interioranas e rurais, do mesmo e de outros Estados, para as grandes capitais.

O primeiro surto industrial brasileiro significativo ocorreu na última década do século passado com o aparecimento de indústrias alimentícias e têxteis de substituição de importações e com atividades complementares à importação e exportação. Estas indústrias se desenvolveram graças ao tamanho relativamente grande do mercado interno, à abundância de matérias-primas e a medidas protecionistas.

Assim, a combinação destas condições, propícias ao desenvolvimento de uma indústria nacional, levou a seu surgimento nos centros urbanos em que já tinha sido criado um mercado para produtos manufaturados. Cada uma destas cidades industrializantes, que estavam espalhadas por toda costa brasileira, tinha seu mercado regional quase estanque.

A cidade de Manaus acompanhou esse processo, e foi devido o mesmo, que grande parte da população que ajudou a construir e levantar as palafitas e outras casas na área do São Raimundo. Era através da Zona Franca de Manaus, que a oferta crescia, e a demanda mais ainda, isto aconteceu na segunda metade da década de 60, e foi um fato importante para a compreensão da forma organizacional da cidade de Manaus.

A localização geográfica de Manaus facilitava a produção e a circulação de mercadorias, e principalmente alocação de mão de obra barata. A implantação das indústrias que nascentes depende de múltiplas circunstancias locais, regionais e nacionais, e por isso se aproxima dos centros urbanos.

O processo de urbanização torna-se uma expressão, em nível de espaço devido à dinâmica social, isto é da grande penetração pelo modo de produção capitalista historicamente formado nos países subdesenvolvidos como também em países desenvolvidos, situados em diferentes níveis do ponto de vista técnico, econômico e social, atingindo tanto culturas extremamente complexas, ou seja, as grandes potências que são os países mais ricos até os países em desenvolvimento correspondendo os mais pobres (CASTELLS, 2000).

A degradação ambiental associada às estratégias de sobrevivência das populações de menores recursos das cidades tem origem nas condições socioeconômicas e na falta de opções a lugares acessíveis a moradia, levando a um aumento constante na degradação, advindo do grande crescimento desordenado das cidades. Com isso, a noções abrangentes e abstratas como desenvolvimento urbano sustentável são referências condutoras de políticas e práticas, devendo ser flexíveis e socialmente construídas, isto é, resultantes da compreensão dos conflitos e embates presentes nos processos de expansão e transformação urbana (MOTTA et al., 2002).

Manaus vem passando por transformações de grandes impactos não só no âmbito espacial, mas também nas áreas social e ambiental. Por meio de projetos urbanísticos, imobiliários e arquitetônicos, a cidade vem re-estruturando os seus espaços e seus usos. As áreas de igarapés estão sendo transformadas e ganhando uma nova paisagem.

Também tomaremos como base, uma abordagem antropológica sobre a questão ambiental de Foladori e Taks (2004) e sobre a Amazônia socioambiental e sustentabilidade em Lima e Pozzobon (2005). Sobre noções de natureza e meio ambiente tomo como referencia os trabalhos de Lenoble (1969), Bornheim (1985), Portugal (1992), Motta(2002), Art(1998), Tamaio(2002), Carvalho (2003),

Dulley(2004) e Jaccobi (1995), que apresentam concepções sobre natureza, meio ambiente e recursos naturais, no campo dos estudos acadêmicos referente ao tema.

Sobre uma análise em relação à concepção de natureza, reporto-me a Bornheim (1985) que busca a compreensão da complexidade das questões ambientais, afirmando que, subjacente a essas questões, servindo-lhe de pano de fundo, existem as concepções que determinadas sociedades têm de natureza e da relação sociedade-natureza. Como o próprio autor aponta, “a questão toda se concentra, portanto, no modo como a natureza se faz presente para o homem; ou melhor: no modo como o homem torna a natureza presente” (BORNHEIM, 1985, p. 18).

De acordo com Carvalho (2003), a natureza foi classificada segundo sua utilidade para as necessidades humanas, expressando, assim, pragmatismo antropocêntrico. A terra cultivada era interpretada como boa e bonita, já, enquanto selvagem, era considerada ameaçadora e esteticamente desagradável.

Para Tamaio (2002), a[...] natureza é um conceito categorizado por seres humanos, portanto, fundamentalmente político, as suas concepções são variadas e estão intimamente relacionadas com o período histórico e a correlação de forças políticas das classes sociais determinadas historicamente. (2002, p. 37)

De acordo com Dulley (2004), o “ambiente seria, portanto, a natureza conhecida pelo sistema social humano (composto pelo meio ambiente humano e o meio ambiente das demais espécies conhecidas)”. Para o autor, há uma diferença entre ambiente e meio ambiente: o primeiro refere-se a “todas as espécies”, enquanto o segundo relaciona-se “sempre a cada espécie em particular”. Especificamente no caso da espécie humana, “seu meio ambiente corresponderia à natureza conhecida, modificada em relação aos interesses do seu sistema produtivo” (DULLEY, 2004).

Nesse sentido, “a noção de ambiente pode ser considerada como resultado do pensamento e do conhecimento humanos e do seu trabalho intelectual e físico sobre a natureza, e corresponde, portanto, à natureza trabalhada” (DULLEY, 2004). Para o autor, enfim, “o conjunto dos meios ambientes de todas as espécies conhecidas pelo homem constituiria o ambiente, ou seja, a natureza conhecida pelo homem” (DULLEY, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No andamento da pesquisa, a partir da revisão bibliográfica e do trabalho de campo, foi possível identificar ambiguidades em relação a concepção de natureza dos moradores de uma sociedade urbana em constante crescimento, pois Manaus é uma metrópole que se apoia na estrutura cultural interiorana/rural de seus moradores.

Como observei na introdução deste relatório, uma característica presente na arquitetura e cultura amazônica são as moradias apropriadas às áreas inundáveis, o que pode ser identificado na Figura01 (Abaixo).



Figura 01, Avenida Beira Mar no período da vazante. As palafitas. Foto: Juliana Sarmento, 2012.

As palafitas são feitas e erguidas sobre estacas de madeiras e são ligadas entre si por pontes também de madeira que permitem a circulação por longas áreas. No local escolhido para a realização do estudo, a área da Avenida Beira Mar, localizada no Bairro de São Raimundo, nas margens do Rio Negro, a maioria das casas voltadas para o rio seguem esse modelo. Há também casas de alvenaria na parte superior da encosta. As casas são utilizadas, em sua maior parte, para habitação, havendo algumas destinadas a pequenos comércios (bares, restaurantes, mercados) dos próprios moradores.

Entre as casas de tamanho pequeno, algumas contam apenas com um cômodo, outras com quartos, sala e cozinha, mas sempre numa área estreita, onde vivem famílias

com 3-6 membros, outros moram sozinhos, ou em dupla. A casa densamente ocupada possibilita aos seus compartimentos a multifuncionalização de seus espaços, o que faz com que, na maioria dos casos, as pessoas não tenham a privacidade necessária às suas próprias necessidades.

Algumas casas são alugadas e outras próprias, há também algumas que são utilizadas como estancias para repouso de viajantes e trabalhadores que estão apenas de passagem pelo local ou proximidades.

A faixa etária dos moradores é diversificada. Encontra-se desde crianças recém-nascidas a idosos que habitam o local há muitas décadas vindos do interior do Estado do Amazonas, e outras regiões, que constituíram famílias e seus filhos, nascidos no local, já constituíam novos lares nas proximidades das casas de seus pais.

A população desta área é, na sua maioria, de baixa renda. Alguns utilizam trabalhos informais como fonte de renda. Trabalham nas feiras próximas, como a Manaus Moderna, onde trabalham como feirantes ou auxiliares ou fazendo transportes com suas pequenas canoas. Outra parte de homens e mulheres moradores do local, têm como profissão, domésticas, industriários, pedreiros, pescadores e vendedores.

Grande parte dos moradores vivem de forma simples, sem muita ostentação e conforto, porém não deixam de usufruir e vislumbrar aquisições de mercadorias que acompanham as inovações tecnológicas, como televisores, eletroeletrônicos, TV a cabo, ar condicionado, dentre outros bens materiais que acompanham a globalização e inovações do mundo. Porém, a maioria vive com menos de um salário mínimo mensal e mal é possível garantir a subsistência da família, e assim não diminui a possibilidade de prover melhorias na moradia, utensílios e equipamentos que promovam segurança e conforto.

Os moradores do local afirmam de forma clara e unanime a apreciação da localidade onde que se encontram, ou seja, gostam efetivamente de morar nas proximidades do Centro da cidade e a infraestrutura disponível no bairro, como hospitais, escolas, comércio, dentre outros, viabilizam de forma positiva a vida daqueles que habitam o bairro de São Raimundo.

A grande queixa dos moradores é a época de “cheia” do rio, quando fica inviável a circulação de pessoas, a não ser por pontes construídas pelos próprios moradores interligando casas. Outro problema encontrado é o acúmulo de resíduos, lixo e materiais orgânicos e inorgânicos que se acumulam com o período de cheia e vazante, deixando a população vulnerável a doenças e outros riscos. Mesmo assim, os moradores confirmam

que são essas formas de moradia a única alternativa viável para sobreviver, por isso que há, também, certa resistência em deixar o lugar.

A necessidade deste estudo surgiu através da problemática que atualmente a sociedade tem presenciado em relação à necessidade de conservação e construção de uma grande metrópole, da forte conexão entre meio ambiente urbano e meio ambiente natural.

A sociedade manauara tem passado por muitas transformações que resultam, entre outros fatores, das intervenções urbanas realizadas pelo PROSAMIM².

O PROSAMIM é um programa complexo, que envolve questões legais de diversas ordens. Apesar das intervenções de engenharia às margens dos cursos d'água constituir o único aspecto do Programa visível à sociedade, os aspectos jurídicos associados a sua execução transcendem em muito a preocupação com a estrita obediência a normas e procedimentos de controle ambiental.

No Relatório de Impacto Ambiental, PROSAMIM III ³, podemos acompanhar os detalhamentos e objetivos do projeto para melhor compreensão das ações promovidas na área da Avenida Beira Mar, no bairro de São Raimundo, e sua conexão com as condições socioambientais da cidade.

Para elucidar essas questões, exponho, a seguir, trechos do Relatório de Impacto Ambiental, coordenado por Manoel Ferreira de Oliveira e Eduardo Jorge Miana como responsável técnico. Os técnicos destacam que o objetivo geral do Programa é contribuir para resolver os problemas ambientais, urbanísticos e sociais que afetam a cidade de Manaus, em particular os moradores das microbacias dos igarapés Educandos/Quarenta e São Raimundo, proporcionando melhores condições de qualidade de vida da população residente na área de abrangência do Programa, no entorno urbano e, conseqüentemente, na cidade de Manaus.

Dentre os múltiplos objetivos específicos que podem ser enumerados para a terceira fase do Programa, destacam-se os seguintes:

a) Melhoria das condições ambientais e de saúde na área de intervenção através da reabilitação e/ou implantação dos sistemas de drenagem, abastecimento de água potável, coleta e disposição final de lixo e águas servidas;

²Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM.

³IGARAPÉ SÃO RAIMUNDO, IGARAPÉ SÃO RAIMUNDO- RIMA - RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - REV. 01, março de 2012.

b) Melhoria das condições de moradia da população que vive na área objeto do Programa, mediante o ordenamento urbano, regularização da posse do solo, soluções habitacionais adequadas, implantação de áreas de lazer e educação sanitária e ambiental da população;

c) Aumento da capacidade operacional e de participação comunitária no processo decisório.

Segundo o RIMA, os requisitos para alcance dos objetivos do PROSAMIM, dadas as condições de degradação social e ambiental encontradas nas microbacias hidrográficas de Manaus, torna-se impossível atingir as finalidades do Programa sem intervenções estruturais (obras) e não-estruturais (gestão pública) de envergadura, dentre as quais as de maior relevância consistem em:

a) Implantação de Infraestrutura Sanitária e Ambiental, que devesse contribuir consideravelmente para a melhoria das condições de saúde da população residente, com significativa redução na incidência de doenças de veiculação hídrica, consistindo em:

- _ Ampliação da capacidade operativa dos sistemas de abastecimento de água potável existentes, ampliando a produção; implantação de esgotamento sanitário, incluindo tratamento e disposição final dos efluentes;
- _ Ampliação do sistema de microdrenagem atual;
- _ Implantação dos serviços de coleta e disposição final de resíduos sólidos;

b) Recuperação Ambiental que resultara na melhoria das condições ambientais e habitacionais da população residente, mediante saneamento e recuperação das áreas inundáveis durante as épocas de chuvas e cheias do Rio Negro, mediante as seguintes ações:

- _ Remanejamento das famílias que ocupam as áreas de risco e o seu reassentamento em áreas seguras, preferencialmente nas proximidades do local e excepcionalmente em um novo nuclearmente habitacional;
- _ Preservação e recuperação de nascentes, sempre a área objeto de intervenção as comports;
- _ Restabelecimento da capacidade de drenagem dos igarapés;
- _ Recuperação da estabilidade dos solos em áreas inundáveis;
- _ Incremento da infraestrutura básica existente, incluindo implantação de vias marginais, melhoria e ampliação nos serviços de energia elétrica e transporte urbano;

_ Execução de Programa de Educação Ambiental e Sanitária aos beneficiários do PROSAMIM;

_ Incentivo à participação comunitária na gestão do PROSAMIM, a partir de programas específicos que oportunizem ao público beneficiário a tomada conjunta de decisões (gestão compartilhada Governo - Sociedade Civil Organizada).

c) Promoção da Sustentabilidade Social e Institucional de organismos parceiros e com executores do PROSAMIM, objetivando favorecer a capacidade operativa e de gestão tanto da comunidade como dos órgãos envolvidos com o Programa.

Será priorizado o estabelecimento das condições necessárias para a sustentabilidade das ações/infraestrutura implantadas, tanto quanto o fortalecimento institucional dos agentes envolvidos, visando expandir as intervenções para outras áreas da cidade. Estão previstas as seguintes ações:

_ Desenvolvimento de política(s) urbana(s) e social(ais) que contemple(m) alternativas para fortalecimento da gestão urbana; amplie(m) a oferta de habitação para grupos de baixa renda; promova(m) a geração de trabalho e renda, objetivando prevenir o surgimento de ocupações irregulares;

_ Fortalecimento da capacidade governamental de operação e manutenção das ações em execução;

_ Fortalecimento da capacidade da gestão ambiental e urbana nas esferas estadual e municipal de Governo;

_ Execução de estudos de viabilidade de programas similares em outras microbacias hidrográficas (Capital e Interior do Estado).

Os dados dispostos acima se encontram no relatório que é disponível ao público, porém, o que chama atenção no projeto é a forma como ocorre a integração das famílias que habitam o local, ou seja, percebe-se um descaso em relação aos moradores do local onde será elaborado o PROSAMIM.

Percebemos uma grande preocupação com as novas transformações na cidade, uma vez que, diante da nova conjuntura global, Manaus também entra no circuito das novas tendências paisagísticas. Porém, as condições dos moradores, que vão além da estrutura física da moradia, são deixadas de lado. Os responsáveis pelo programa, não levam em consideração as relações sociais e afetivas construídas entre os moradores do local.



Figura 02, Rio Negro, proximidades da Avenida Beira Mar. Foto: Juliana Sarmento, 2012.

Na Avenida Beira Mar, a maioria dos moradores não desejava a mudança do local onde residiam, alguns há mais de cinquenta anos vivendo na localidade. A localização de sua moradia na Avenida Beira Mar os satisfazia em termos de proximidade ao Centro da cidade e o acesso a escolas para as crianças, postos médicos e demais serviços.



Figura 03, Casas de palafita demolidas. Foto: Juliana Sarmento, 2012.

A expectativa maior da população que habitava a área da Beira Mar era que houvesse apenas a modificação na estrutura da moradia, e não na localidade como um todo. O vislumbre pela “casa própria” é presente para grande parte da população

brasileira e, para os moradores da Beira Mar, não é diferente. Porém, a forma como ocorre o alcance da casa própria não tem respondido às suas demandas, uma vez que tem implicado na saída da localidade e isso os limita no acesso a infraestruturas e na sua busca por uma vida razoável num centro urbano como Manaus.

As famílias são indenizadas com valores analisados pelas corretoras responsáveis pelo programa, porém não abriga as necessidades dos moradores, que conseguem adquirir imóveis com o valor pago pela indenização apenas em bairros distantes do Centro da cidade, prejudicando o modo de vida já construído, muitos há décadas.

A grande referência de “natureza” encontrada na área é a relação com o rio que é utilizado para obter alimentos, ou seja, como meio de trabalho e também como um espaço de lazer.



Figura 04, Casas de palafita demolidas. Foto: Juliana Sarmento, 2012.

No decorrer da pesquisa, pôde-se observar que a população idosa foram os que mais se abalaram com a intervenção do PROSAMIM. Como primeiros moradores da área, os mais idosos se sentiram ameaçados e preocupados com a retirada da área e a necessidade em deixar o local, onde já haviam construído uma historia de vida ao longo das gerações. E também a forma como foram abordados para retirada e saída das casas acabou por abalar psicologicamente algumas pessoas.

Morar à beira rio permite que os moradores desfrutem de acesso a locais do interior e, por conseguinte, expandam suas atividades. Tornou-se, então, uma problemática presente a relação rio-morador, pois muitos sobrevivem com os recursos obtidos através do rio, o que representa bem estar para as famílias.

Opiniões opostas, que são encontradas em minoria, apontam para o distanciamento em relação ao rio, pelas dificuldades vividas conforme temporadas de cheias e vazantes, que sazonalmente atingem o local. Por outro lado, esse conhecimento das mudanças dos rios, os conecta a uma realidade regional.

É necessário pensar a dinâmica social da formação espacial no bairro do São Raimundo como também os impactos sentidos por essa população.

3.1 Natureza e Meio Ambiente

A relação ‘natureza e meio ambiente’ está em discussão há muito tempo. Levantando indagações sobre os termos e significados, e a falta de “rigor” em lidar com as diferenciações presentes em cada conceito, que muitas vezes são tratados como sinônimos. Proponho aqui um breve esclarecimento, para melhor entendimento da temática.

Ao pensarmos *natureza*, logo nos vem à mente árvores, plantas, animais, rios, mares, dentre outros elementos nesse conjunto de coisas que tomamos por denominar de *natureza*. Visto como se o natural fosse todo o conjunto físico e químico presente no planeta Terra, que ainda não tenha sido alterado pelo ser humano. Seguindo a mesma concepção, porém, nas amarras da religião, a natureza é tudo aquilo criado por Deus.

Com base nos estudos de Lenoble(1969), podemos encontrar um esclarecimento sobre as considerações de natureza. O autor se baseia no princípio de que a natureza é sempre pensada. E esclarece que essa ideia é pensada no espaço e no tempo. Considerando que:

“não existe uma Natureza em si, existe apenas uma Natureza pensada. (...). A natureza em si, não passa de uma abstração. Não encontramos senão uma ideia de natureza que toma sentido radicalmente diferente segundo as épocas e os homens.”
(LENOBLE, 1969).

A natureza é pensada a partir de relações sociais, tendo seu conceito e significado diversificado em diferentes âmbitos da história humana. O mesmo autor apresenta a origem do termo **natureza**, onde “...palavra latina **natura** que liga-se a raiz **nasci** (nascer) e significa em primeiro lugar: a ação de fazer nascer” (LENOBLE, 1969). Para os gregos, segundo Lenoble (1969), “o natural é uma ordem independente das coisas humanas”, e o artificial seria resultado de um prodígio do homem.



Figura 05. “Ambiente verde” atrás das casas, local de passagem dos moradores. Foto: Juliana Sarmiento, 2013.

Existiriam, nesse caso, também alguns artifícios que homens e mulheres poderiam utilizar em relação à natureza, que seriam proibidos por violar a própria natureza. A arte seria a habilidade da imitação da natureza, sem, entretanto, reproduzi-la, e a técnica uma forma de domínio sobre a natureza, sem reproduzi-la.

O debate sobre o conceito de natureza é bastante extenso, e inclui também aspectos filosóficos, religiosos e éticos. Assim, uma grande contribuição do ser humano para a Natureza é a Cultura.

A cultura é o que tem dado significado ao modo de pensar daqueles que dela compartilham. A conexão dos sentidos impulsiona significados, características, semelhanças, divergências, comportamentos, crenças e tudo aquilo que abrange o que conhecemos como Cultura. E foi através do acúmulo de informações, características e conjunto de sentidos que se constrói o Meio Ambiente.

Por “meio ambiente”, se entende, um habitat socialmente criado, configurado enquanto um meio físico modificado pela ação humana. Parte-se do pressuposto de que a percepção da questão ambiental, como qualquer outra em geral, é uma resultante não só do impacto objetivo das condições reais sobre os indivíduos, mas também da maneira como sua interveniência social e valores culturais agem na vivência dos mesmos impactos. O modelo de desenvolvimento tem conduzido irremediavelmente a uma situação de degradação ambiental atual nas nossas cidades.

O equilíbrio do meio natural sofre grandes mudanças e de uma forma quase insensível, o ser humano, sem deixar de ser um elemento do meio natural, se transforma num fator determinante do mesmo, do qual depende crescentemente o funcionamento da maioria dos ecossistemas e inclusive da sua conservação (JACOBI, 1995).

Segundo Art (1998), ambiente significa o “... Conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera, como um todo ou em parte desta, abrangendo elementos do clima, solo, água e de organismos”, e por, meio ambiente, a “soma total das condições externas circundantes no interior das quais um organismo, uma condição, uma comunidade ou um objeto existe. O meio ambiente não é um termo exclusivo; os organismos podem ser parte do ambiente de outro organismo” (ART, 1998).

Normalmente, toda sociedade, toda cultura e todo ser humano tem uma determinada ideia do que seja natureza. Aparentemente, é um conceito fácil. Utilizamos a expressão natureza para contradizer aquilo que é artificial, feito pelo homem, mas a questão não é tão simples como se apresenta.

Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, ele é criado e instituído pela humanidade. Constitui pilares através dos quais a humanidade ergue suas relações sociais, sua produção material e constroe as diferentes culturas e sociedades. Consolidando o pensamento, o ambiente seria, portanto, a natureza conhecida pelo sistema social humano.



Figura 06. Região da Av. Beira Mar, época de “Cheia” do Rio Negro. Foto: Juliana Sarmento, 2013.

Outro ponto importante são os recursos naturais que são elementos da natureza que são úteis à humanidade no processo de desenvolvimento da civilização. Podem ser renováveis, como a energia do sol e do vento.

Já a água, o solo e as árvores que estão sendo considerados limitados, são chamados de potencialmente renováveis. E, ainda, há os não renováveis como o petróleo e minérios em geral. Segundo Portugal (1992), a palavra recurso, significa algo a que se possa recorrer para a obtenção de alguma coisa. Para esse autor, o homem recorre aos recursos naturais, isto é, aqueles que estão na natureza, para satisfazer suas necessidades.

Para Art (1998), recurso pode ser: a) componente do ambiente (relacionado com frequência à energia) que é utilizado por um organismo e b) encontra-se os demais, antes citados, a natureza é composta de recursos naturais e o a junção destes garantem o meio ambiente.

Natureza, meio ambiente e recursos naturais são conceitos e termos que estão entrelaçados devido ao contexto em que se inserem. Porém, as visões de natureza se referem, ao modo como a natureza é percebida por determinada sociedade.

3.2 Lidando com o Campo

No decorrer da pesquisa, no meu trabalho de campo, pude identificar e conhecer o modo de vida dos moradores da Avenida Beira Mar, no bairro de São Raimundo. Eram pessoas de vindas de muitos lugares, de outros Estados, de cidades interioranas do Amazonas, de outros bairros, que se instalaram no local, inclusive alguns que nasceram no bairro e moravam nas palafitas desde o nascimento. Algumas residiam há muitos anos, variava de 50 anos a 6 meses, e uma faixa etária diversa. Naquele lugar já existia um modo de vida, que era reproduzido pelos agentes que faziam parte do conjunto de pessoas, famílias, fauna e flora existentes no local.

Como Magnani (2002) observa, alguns grupos urbanos, no trato com a cidade, não se mostram dispersos, não estão submersos no caos urbano, mas se apropriam de forma tal da cidade que podem não só viver nela, como ainda reconhecer seus iguais e com eles estabelecer estratégias próprias de vida, de trabalho, de aprendizado, de encontros. E isso é possível porque a cidade, principalmente na escala da metrópole, possibilita que estabeleçam seus trajetos, estruturem seus circuitos, façam escolhas.

Apresentei a conjugação do verbo no passado, em relação aos moradores, pois aqueles que residiam nas palafitas à beira do Rio Negro, no São Raimundo, foram retirados devido ao processo de “revitalização urbana” do local, através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM), como já citado antes.

No decorrer da pesquisa, fui reconhecendo a necessidade de considerar as diferenças entre os grupos sociais e no interior destes. Quando tratamos de pesquisa, em busca das respostas daqueles que temos como nossos interlocutores, considerar a fala de cada um, com legitimidade, é extremamente importante.

Foladori (2004) ressalta que não basta distinguir grupos qualitativamente diferentes por sua aparência externa, como a divisão entre homens e mulheres, entre crianças, adultos e velhos, ou entre grupos étnicos. É necessário estudar o interior de cada grupo, já que, de outro modo, as médias estatísticas ou os tipos qualitativos ocultarão as diferenças de classe, por exemplo.



Figura 07. Avenida Beira Mar, época da “vazante”, extenso caminho até o rio.

Foto: Juliana Sarmiento 2013.

A migração está diretamente ligada com o processo de urbanização. Pude identificar nos relatos dos moradores da Av. Beira Mar que a grande maioria chegou a Manaus com o intuito de melhoria nas condições de vida. Esta perspectiva, de que na Capital “encontra-se uma vida melhor”, se dá ao processo de industrialização e globalização, pois em função da produção e do capital, a oferta de trabalho cresceu, mobilizando trabalhadores aos polos econômicos atrativos de mão-de-obra”. Porém, com a própria expansão da indústria e a mais-valia, o resultado foi de que a demanda de trabalhadores, se encontrava maior que a oferta de trabalho.

Os moradores da Av. Beira Mar, construíram suas novas vidas às margens do Rio Negro, baseados num conhecimento empírico, ergueram suas palafitas, como quando não habitavam na cidade de Manaus. Isso ajudou na construção de uma identidade própria, claro que com novas características, que podemos chamar tipicamente de urbanas, mas diferente da cidade pensada que estava sendo vislumbrada pelos planejamentos urbanos, que seguiam rumo ao progresso. Este que se configura numa (des)aproximação com aquilo que conhecemos como natureza.

O “progresso” se caracterizava pelo afastamento daquilo que nos aproximava das nossas raízes animais. Quanto mais estreita for a relação com o meio ambiente natural,

maiores eram as condições de avanço, pois transformavam matéria-prima em mercadoria.

Atualmente, após alertas de estudiosos de que, se o ritmo (intenso) de exploração dos recursos do planeta continuar, não haverá no futuro fontes de água ou de energia, reservas de ar puro nem terras para a agricultura em quantidade suficiente para a preservação da vida, estão sendo pensados, estudados, testados e analisados métodos que poupem e agridam de menor maneira a fonte de recursos naturais, um desses métodos é o “Desenvolvimento Sustentável”, que se baseia na produção, no desenvolvimento capaz de suprir as necessidades atuais, sem comprometer as futuras, constituindo-se como um desenvolvimento que visa não esgotar recursos futuros.

O desenvolvimento sustentável sugere, qualidade em vez de quantidade, com a redução do uso de matérias-primas e produtos e o aumento da reutilização e da reciclagem.

É importante salientar que, não entrarei em maior discussão em relação aos fenômenos e estudos sobre o Desenvolvimento Sustentável, como um novo sistema de desenvolvimento econômico mundial. Neste trabalho, busco esclarecer os pontos que apresentei, sendo o objetivo principal identificar as concepções de natureza e meio ambiente para os moradores de uma área urbana peculiar da Região.

Sobre a perspectiva da Antropologia Urbana e estudos sobre a contribuição dos grupos sociais nas cidades, podemos nos reportar a Oliven (1987), que revela como os fenômenos que estão ocorrendo em cidades, como as brasileiras, se constituem num rico campo de investigação social, cujo estudo pode permitir uma melhor compreensão da cidade, enquanto contexto em que se dão e para o qual convergem diferentes processos sociais, auxiliando-nos na compreensão de nossas próprias configurações, diversidade e culturas.

Conversei com um bom número de pessoas, e pude identificar que para os moradores mais antigos, de gerações anteriores, inclusive migrantes de regiões interioranas e rurais, que já habitavam o local há mais de 50 anos, a natureza se resume a “*Tudo aquilo que foi dado por Deus*”. Pude perceber que o embasamento conceitual sobre o que seria **Natureza**, carrega consigo os dogmas da religião, logo, tem um cunho religioso que caracteriza e estrutura uma concepção (Teologismo), um modo de pensar e reconhecer algo presente e fielmente necessário para nossa sobrevivência no planeta Terra.



Figura 08. Moradores do local há mais de 40 anos e seu filho, também morador. Foto: Juliana Sarmiento, 2012.

Senhores e senhoras mais idosos e os mais jovens, reconheciam os recursos naturais como “bênçãos divinas”, e que existiam para servir, apenas para suprir as necessidades dos seres humanos. E as crianças reproduziam aquilo que aprendiam com os mais velhos. Como na fala de uma moradora, 64 anos de idade, há 36 anos vivendo no local:

“Deus deu pra gente todo esse riozão. Deu sol, terra pra plantar, água pra viver, pra lavar as roupas [...]. Deus pôs no mundo os animais pra alimentar a gente, e a inteligência pra gente saber usar toda essa riqueza [...]. Ai moça, natureza é isso, tudo que Deus deu pra nós”. (M.A., 2012)

Alguns moradores da Av. Beira Mar utilizavam o rio como fonte de renda e subsistência. Alguns trabalhavam com a pesca; outros na restauração de embarcações, desde pequeno a grande porte; uns eram donos de flutuantes, que na época das cheias eram empregados para vendas, dentre outras utilidades; outros trabalhavam como “atravessadores”, onde transportavam pessoas de um lado para o outro do rio, como para comunidades e municípios vizinhos. Ou então, trabalhavam nas proximidades do bairro, já que o mesmo está localizado numa área central da cidade. São poucas as pessoas que construíam suas vidas (trabalho, saúde, educação, lazer) longe de suas

casas, a região que moravam proporcionava maior acessibilidade em usufruir dos recursos necessários para vida humana.

Porém, apesar de estarem próximos do que precisavam, as condições de moradia eram precárias. E principalmente nos momentos de cheia e vazante, os moradores passavam por diversos problemas de grande preocupação. A poluição, o perigo, a dificuldade de locomoção, e a resistência das casas, alertavam cada vez mais a situação precária dos moradores das palafitas na Av. Beira Mar.



Figura 09. Moradoras que habitavam o local desde o nascimento. Foto: Juliana Sarmento, 2013.

Perguntei, em alguns momentos, durante as conversas que tive com cada indivíduo, sobre a situação de remoção das casas, e obtive respostas novamente semelhantes entre indivíduos da mesma geração. Sobre a retirada das casas e êxodo dos moradores, identifiquei a indignação e tristeza presentes nos relatos, estes que, revelavam o descontentamento em sair do local em que moravam há tanto tempo, e que já estavam adaptados ao modo de vida ali encontrado, as relações sociais e laços construídos no decorrer do tempo e convivência, para uma nova vizinhança e localidade.

A maioria dos moradores estava comprando e\ou alugando imóveis nos bairros periféricos, mais afastados do Centro da cidade. Novos bairros, que não contam com a

infraestrutura que já estava formada no local anterior que residiam. E, muitas vezes, com os olhos cheios de lágrimas, relatavam a imposição do Estado na retirada das casas, e o descaso que sentiam em relação ao posicionamento do governo e empreiteiras, sobre suas vidas.

Os moradores mais jovens, grande maioria, nascidos e crescidos nos entornos da Av. Beira Mar, relatavam que há uma grande “perda” em sair do local onde viviam há tanto tempo. Porém, seria de grande utilidade deixar a vida nas palafitas:

“[...] gosto daqui, conheço todo mundo. São meus amigos de escola, meus parentes, minha família tá toda aqui. É muito triste ter que deixar nossa casa. Ah, mas quero construir uma vida de verdade, na casa de verdade, não dessas madeiras velhas caindo aos pedaços, que toda vez que chove, tem que rezar pra casa não desmoronar” (R.S.S., 2013)

Os moradores descreviam em seus relatos a fauna e a flora que existia no local. A maioria da fauna era composta de animais domésticos, como tipicamente ocorre na área urbana, como gatos, cachorros, diversas espécies de aves, de galinhas a garças e outras que pousavam por lá, em busca de alimentos e outros objetivos. Porém, a espécie mais presente era o dos urubus. Contando também com grande quantidade de ratos e insetos, devido à quantidade de resíduos e detritos no local, problemas recorrentes em áreas que não contam com manutenção e infraestrutura.



Figura 10. Avenida Beira Mar, falta de infraestrutura e saneamento básico. Foto: Juliana Sarmento, 2012.

A flora era composta de árvores de diversos tamanhos, frutíferas e não frutíferas, um vasto número de plantas, desde plantas medicinais a ornamentais, levando em consideração o Rio Negro que conta com uma enorme biodiversidade. Citavam os “privilégios” (termo utilizado pelos próprios moradores) de poder morar num lugar que oferecia o bem-estar proporcionado pela natureza e meio ambiente. Como uma jovem, que nasceu e morou no local, até a retirada das casas:

“É bom ter árvore, planta, rio, e tudo isso por perto. Quando eu era criança, era com isso que eu brincava, era feliz, era bom. [...] colher fruta no pé, sem ter que pagar, posso fazer um suco a hora que eu quiser, tem tudo aí ó, e os vizinhos deixam pegar do terreno deles também. A gente pode criar nossos bichos, nossas galinhas, tudo sem problema Aqui é tudo verde ó, tem esse rio enorme [...] Agora lá na Zona Leste, não vai ter nada.” (S.P.F., 2013).

O processo de remoção das casas causou transtorno não só emocional e financeiro aos moradores do local. Mas, acabou causando um transtorno maior à população que habita as proximidades.

Na época da cheia, o rio subiu e alagou parte da região, o escoamento do esgoto ficou prejudicado, inclusive das casas que ainda não tinham sido retiradas. A água suja se acumulou causando mau cheiro e deixando os moradores do local e das proximidades em condições precárias, e vulneráveis a doenças.

Os impactos negativos do conjunto de problemas ambientais resultam principalmente da precariedade dos serviços e da omissão do poder público na garantia das condições de vida da população, mas também é reflexo do descuido e da omissão dos próprios moradores, inclusive nos bairros mais carentes de infra-estrutura, colocando em xeque aspectos de interesse coletivo.

Isto também traz à tona a contraposição do significado dos problemas ambientais urbanos e as práticas de resistência dos que “têm” e dos que “não têm”, representados sempre pela defesa de interesses particularizados que interferem significativamente na qualidade de vida da cidade como um todo.

Segundo Cavalcanti(1995), encontramos degradação e poluição ambientais produzidas tanto pela expansão da pobreza quanto pelo acúmulo da riqueza. Reduzir a

complexa questão ambiental global a problemas populacionais é, já foi dito, mistificar o real. População e meio ambiente não são construções empíricas em si, são construções sociais. A questão ambiental na sociedade global é política, econômica, social, cultural, tecnológica, demográfica, científica.

Atualmente, todas as casas de palafitas foram retiradas, apenas algumas que são construídas em alvenaria resistem. Porém, nem todas irão permanecer, ainda grande parte será retirada para implantação do PROSAMIM.

4. CONCLUSÃO

A concepção de natureza é diversa. Dentre todos os conceitos que encontrei sobre natureza, meio ambiente e recursos naturais, pude perceber a diversidade de pensamento, análise, identificação do que significa cada termo citado.

O que é importante ressaltar sobre a realização e resultados obtidos nesta pesquisa, é que grande maioria dos moradores com quem conversei, valorizava o papel _ a importância_ dos elementos naturais no meio urbano.

O rio, as árvores e demais plantas, os animais e tudo aquilo que se entende por natureza, é resultado de um conhecimento obtido através da cultura e suas relações e configurações que estabelecem pensamentos, noções, visão de mundo singular a cada grupo que compartilham e reproduzem determinadas características.

Uma “grande” problemática que pude identificar conforme a concepção de natureza que ocorre com maior frequência nas respostas dos moradores do local, a noção concebida através do pensamento religioso, é o descaso que têm com o cuidado e manutenção dos recursos naturais apontados.

Como acreditam que “Deus” tenha criado e colocado tudo aquilo que concebemos como natureza, acabam por acreditar que os recursos não irão se esgotar. Sendo assim, tal concepção vai contra os novos métodos e pensamento de preservação dos recursos naturais do planeta, o desenvolvimento sustentável, uma vez que não se percebem como parte nos recursos ambientais que utilizam.

No entanto, este é um caso de conscientização, onde deve ocorrer um processo de informação e esclarecimento para com os antigos moradores da Avenida Beira Mar, no Bairro de São Raimundo, um processo que deveria ser considerado nas políticas urbanas.

Os projetos de revitalização de áreas urbanas como o PROSAMIM, são implantados com o intuito de restaurar, revitalizar, dar uma nova cara e condições aos moradores e ao local de áreas próximas a Igarapés, que contam com desagradáveis condições de vida. Porém, não é apenas retirando do local que será excluído o problema, as mudanças devem ocorrer, primeiramente, a partir da educação do indivíduo, a partir de métodos informativos que ajudem à conscientização e assim, o resultado poderia ser o melhoramento, e prevenção da degradação do ambiente habitado e demais.

Embora seja necessário levar em consideração os avanços e processos tecnológicos, sociais, ambientais e melhorias concebidas através das intervenções dos mesmos para a vida na cidade, é preciso atentar para a população empobrecida que sofre com os impactos sociais, ambientais e psicológicos de tais mudanças, sem contar com uma estrutura de auxílio.

Porém, a intervenção do PROSAMIM trouxe aos demais moradores da região (os que não tiveram suas casas retiradas) afetada também uma nova paisagem, e em termos urbanísticos acabou por supervalorizar seus imóveis, melhora no ambiente e saneamento básico proporcionando aos moradores uma habitação mais aprazível.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que apoiaram esta pesquisa, primeiramente à minha orientadora Prof^aDr^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, por todo apoio e ajuda. Gostaria também de agradecer à minha família por acreditar e apoiar todo meu trabalho. Agradeço também aos moradores do bairro de São Raimundo, que receberam minha pesquisa de braços abertos. Ao Comitê (PIBIC) pelas considerações e por ter me dado a oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

6. FONTES E REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. **O Homem Urbano**. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/>> Acesso 05 mai. 2011.

AMAZONAS. GOVERNO DO ESTADO. **Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus - Prosamim**. Disponível em: <<http://www.prosamim.am.gov.br/detalhes>> Acesso em: 14 set. 2012.

ART, W. H. **Dicionário de ecologia e ciências ambientais**. São Paulo: UNESP/Melhoramentos, 1998. 583p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**, São Paulo – SP, UNESP/Paralelo 15, 2ª Edição, 1998.

CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro, 2000.

CAVALCANTI, Clóvis. (Org). **Desenvolvimento e natureza**: Estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez, 1995.

DULLEY, R. D. **Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais**. Agricultura em São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, 2004.

FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. **Um olhar antropológico sobre a questão ambiental**. Mana, v.10, n.2, 2004.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200004&lng=en&nrm=iso>.access on 16 Apr. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200004>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.com.br> Acesso em: 15 set 2013.

LENOBLE, R. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LIMA, Deborah; POZZOBON, Jorge. **Amazônia socioambiental**: sustentabilidade ecológica e diversidade social. Estud.av., São Paulo, v. 19, n. 54, Aug. 2005. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200004&lng=en&nrm=iso. access on 10 Apr. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200004>.

MAGNANI, J.G.C e TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: _____. **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana, São Paulo: EDUSP, 1996.

MOTTA, D. M. **Gestão do Uso do Solo Disfunções do Crescimento Urbano**, Volume 1: Instrumento de Planejamento e Gestão Urbana em Aglomerações Urbanas: Uma análise Comparativa, Brasília, 2002.

OLIVEN, Ruben George. **O Metabolismo Social da Cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

_____. **Urbanização e Mudança Social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RIMA. **Relatório de Impacto Ambiental Igarapé São Raimundo**, Igarapé São Raimundo- - REV. 01, março de 2012.

TAMAIIO, I. **O professor na construção do conceito de natureza**: uma experiência de Educação Ambiental. São Paulo: Annablume, WWF, 2002.

VELHO, Otávio G (org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

VELHO, Gilberto. (Org.). **Antropologia urbana**. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. **O Desafio da Cidade**: novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto & MACHADO, Antonio. Organização Social do Meio Urbano. In: **Anuário Antropológico 76**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Nº	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
		2012					2013						
1.	Revisão bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2.	Coleta de material em instituições	X			X			X	X	X			
3.	Trabalho de campo			X			X	X	X	X	X		
4.	Organização dos dados								X	X	X		
5.	Apresentação oral parcial				X								
6.	Apresentação relatório parcial						X						
7.	Elaboração do Resumo e Relatório Final								X	X	X	X	
8.	Preparação da Apresentação Final para o Congresso											X	X

Obs.: As lacunas preenchidas com (x) são os procedimentos a serem realizados.

As lacunas preenchidas com (x) e destacadas na cor azul (x), são os procedimentos já realizados.

